



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE  
LICENCIATURA EM LETRAS  
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ANA CLÁUDIA SILVA DE SOUZA

**A RESISTÊNCIA DAS JOANAS E DAS FIRMINAS: UMA ANÁLISE DO CONTO  
A ESCRAVA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

JOÃO PESSOA – PB

2022

ANA CLÁUDIA SILVA DE SOUZA

**A RESISTÊNCIA DAS JOANAS E DAS FIRMINAS: UMA ANÁLISE DO CONTO  
A ESCRAVA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras-Português da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras-Português.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

JOÃO PESSOA – PB

2022

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S729r Souza, Ana Claudia Silva de.

A resistência das Joanas e das Firminas : uma análise do conto a escrava, de Maria Firmina dos Reis. / Ana Claudia Silva de Souza. - João Pessoa, 2022. 40 f.

Orientadora : Luciana Eleonora de Freitas Calado. TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2022.

1. Reis, Maria Firmina dos. 2. Literatura afro-brasileira. 3. Escrivência. 4. A escrava. I. Deplagne, Luciana Eleonora de Freitas Calado. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82(81:6)

ANA CLÁUDIA SILVA DE SOUZA

A RESISTÊNCIA DAS JOANAS E DAS FIRMINAS: UMA ANÁLISE DO CONTO A  
ES CRAVA, **MARIA FIRMINA DOS REIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de  
Licenciatura em Letras-Português da Universidade Federal da  
Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau de  
Licenciada em Letras-Português.

Aprovado em: 16 de junho de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne  
Orientadora

---

Prof  
Maria Leonor Maia dos Santos

---

Prof  
Aniely Walesca Oliveira Santiago

---

Dedico este trabalho, primeiramente, ao Deus todo poderoso, pois, se não fosse a sua graça  
derramada nada do que foi feito se fez.



Hoje, a escrita da mulher negra não tem essa função de adormecer a Casa Grande. Pelo contrário, é uma escrita que incomoda, que perturba.

(Conceição Evaristo)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao ETERNO DEUS, por ter provido tudo para que eu chegasse até aqui. Por ter me guardado durante todo esse trajeto e permitido terminar este curso tão distinto.

Agradeço à professora Luciana Eleonora que gentilmente atendeu ao meu pedido para orientar este trabalho. Pacientemente me ajudou estendeu sua mão e mostrou o caminho a seguir. Compartilhou comigo grandes nomes da literatura, contribuindo assim para meu aprendizado. A você, querida professora muito obrigada.

Agradeço as minhas tias Marileide e Odileide a quem tenho por mães pois me criaram com excelência e foi através delas que tive meu primeiro contato com a literatura a cada uma delas agradeço o incentivo, o modelo e a inspiração e também por acreditarem que tudo era possível, muito obrigada por tudo que vocês têm feito por mim.

Agradeço a cada professor desta Universidade por tanto aprendizado e paciência, a cada um que cruzou o meu caminho durante estes anos.

Agradeço também aos motoristas do transporte escolar por me levarem da cidade onde eu moro até a capital onde fica a UFPB. E a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para este momento.

## RESUMO

Este trabalho dedica-se a compreensão e análise da obra *A Escrava* de Maria Firmina dos Reis, mulher negra, professora, intelectual, abolicionista e pensadora crítica frente à posição da sociedade de sua época. O objetivo deste trabalho foi analisar o conto *A Escrava* buscando apresentar e relacionar elementos que tratam das relações de resistência feminina e sua relação com a literatura afro-brasileira de autoria feminina. A metodologia utilizada se ampara na abordagem qualitativa, interpretativa e analítica. Tomando como base o referencial conceitual e teórico de Eduardo Duarte e Conceição Evaristo, entre outros pesquisadores, para realizar a análise da obra *A Escrava* de Maria Firmina dos Reis (2018, 1887). Concluiu-se que através da análise da obra, foi possível observar que tanto Maria Firmina, quanto suas personagens a Senhora e Joana, todas são a representação de mulheres que não foram submissas às proibições de seu tempo quanto à limitação de gênero, de cor, classe social entre outras, elas se fizeram agentes de suas trajetórias e mobilizaram suas vidas em prol de algo maior, considerando suas próprias histórias, a dor de seu povo, suas perdas e as proibições a que eram submetidas, para avançar politicamente, socialmente, de forma intelectual e também contribuindo para um mundo mais justo para todos.

**Palavras-chave:** Literatura afro-brasileira. Escrivência. *A Escrava*.

## **ABSTRACT**

This paper is dedicated to the understanding and analysis of the work *A Escrava* by Maria Firmina dos Reis, black woman, teacher, intellectual of her time, anti-racist and critical thinker against the position of the society of her time, which made this position evident. The objective of this work was to analyze the text *A Escrava* (The slave), seeking to present and relate elements that deal with the relations of feminine resistance and its relation to Afro-Brazilian literature. The methodology used is based on a qualitative, interpretative and analytical approach. Based on the conceptual and theoretical framework of Eduardo Duarte and Conceição Evaristo, among other researchers, to carry out the analysis of the work *A Escrava* de Maria Firmina dos Reis (2018,1887). It was concluded that through the analysis of the work, it was possible to observe that both Maria Firmina, as well as her characters the Lady and Joana, all are the representation of women who were not submissive to the prohibitions of their time as to limitation of gender, color, social class among others, they made confrontations and mobilized their lives for the sake of something greater, considering their own stories, the pain of their people, their losses and the prohibitions to which they were subjected, to advance politically, socially, intellectually and also contributing to a fairer world for all.

**Keywords:** Afro-Brazilian literature. Writing. The slave. Maria Firmina dos Reis.

## SUMÁRIO

|                                                                                        |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1INTRODUÇÃO .....                                                                      | 12 |
| CAPÍTULO I: Literatura Afro-Brasileira e a escritvência de Maria Firmina dos Reis..... | 14 |
| I.1 Maria Firmina dos Reis e sua obra pioneira .....                                   | 14 |
| I.2: o que é literatura afro-brasileira de Eduardo Duarte?.....                        | 19 |
| I.3 A escrevivencia de Conceição Evaristo.....                                         | 23 |
| CAPÍTULO II: Análise sobre A Escrava.....                                              | 27 |
| 2.2 Um olhar sobre a narradora do conto .....                                          | 27 |
| 2.3 A protagonista Joana .....                                                         | 33 |
| Considerações finais.....                                                              | 37 |
| REFERÊNCIAS .....                                                                      | 39 |

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho em questão surge da necessidade de contribuir com as pesquisas e adquirir mais conhecimentos acerca da autora Maria Firmina dos Reis e sua obra, produzida e datada de 1887. Primeira romancista negra do Brasil, Maria Firmina dos Reis se ocupou de questões polêmicas do seu tempo, como a abolição e o direito das mulheres a ter uma educação igualitária a dos homens. Portanto, uma representante das mulheres que se manifestaram contra a sociedade patriarcal e escravagista do século XIX e expressaram em seus escritos a busca pela visibilidade das mulheres e de grupos que até hoje são marginalizados e silenciados em suas lutas.

Maria Firmina dos Reis, além de escritora, foi professora e publicou intensamente poemas e contos na imprensa da época, buscando apresentar por meio de sua literatura reflexões sobre o poder de subjugação exercido pelos homens sobre as mulheres, as representações negativas do sistema escravagista, as violências cotidianas ilustradas nas histórias de seus personagens, e o protagonismo de mulheres brancas e negras a favor da luta abolicionista.

Estes aspectos interessam à pesquisa em questão, pois o tema advém do cruzamento entre a formação da pesquisadora em Licenciatura em Letras Português, bem como do anseio enquanto futura profissional, que visa na literatura recursos para reflexão da sociedade na qual se encontra inserida, além da sugestão da orientadora que reforça a importância desta autora e de sua obra para o desenvolvimento de conhecimentos e a aquisição de novos.

Como ponto fundamental de partida para a constituição deste trabalho levantou-se a seguinte questão de pesquisa: quais os aspectos centrais discutidos e apresentados pela autora Maria Firmina dos Reis no conto *A Escrava*, que revelam a sua relação com as lutas e resistências femininas?

Esta pergunta se apresenta pertinente, pois se relaciona com os objetivos estabelecidos. Sendo eles: Analisar o texto *A Escrava* buscando apresentar e relacionar elementos que tratem das relações de resistência feminina e sua relação com a literatura afro-brasileira, a partir da definição do pesquisador Eduardo Duarte; e evidenciar o conceito de “escrevivência” de Conceição Evaristo na relação do projeto literário da escritora com a escrita da obra *A escrava*.

Para tanto, foram utilizados os seguintes encaminhamentos metodológicos: o trabalho se deu por meio de uma abordagem qualitativa, interpretativa e analítica. Tomando

como base o referencial conceitual e teórico de Eduardo Duarte (2009) e Conceição Evaristo (2019), entre outros pesquisadores, para realizar a análise da obra *A Escrava* de Maria Firmina dos Reis (2018).

O primeiro capítulo apresenta a autora Maria Firmina dos Reis, uma linha do tempo sobre sua história de vida e de suas obras, buscando relacionar sua obra e vida como elementos de relevância para o nosso país; trata também da contribuição conceitual e teórica de Eduardo Duarte sobre a literatura afro-brasileira, trazendo aspectos de categorização para que se possa conferir o pertencimento de uma obra literária à literatura afro-brasileira, seguindo das categorias da temática, da autoria, do ponto de vista, da linguagem e do público-leitor. Outra concepção importante trazida neste mesmo capítulo é de “escrevivência” da autora Conceição Evaristo que relaciona a escrita às noções da própria vivência negra, carregada das particularidades históricas, sociais, culturais, linguísticas e heranças simbólicas.

O segundo capítulo apresenta a obra *A escrava* de Maria Firmina dos Reis fazendo um percurso pela narrativa e relacionando fragmentos do texto com as análises que o consideram um olhar sobre a narradora do conto e a configuração desse texto como literatura afro-brasileira, baseando-se nas categorias propostas por Duarte e Conceição Evaristo. Na segunda parte deste capítulo são realizadas análises sobre Joana, a escrava, em que são desenvolvidas reflexões baseadas na escrevivência, nos recursos linguísticos estratégicos usados por Maria Firmina para tratar de temas importantes como a escravização e a subalternização das pessoas negras.

Por fim, foi possível considerar que o texto *A Escrava* de Maria Firmina dos Reis é um apelo estratégico de resistência, de força da mulher negra, um ato político e social contra o rebaixamento dos seres humanos no que diz respeito ao gênero, a cor, classe social e outros marcadores das diferenças entre os indivíduos de uma sociedade, portanto, este texto reflete a literatura e seus atravessamentos com a vida em pontos que uma coisa não diferencia totalmente da outra.

.

## **CAPÍTULO I: Literatura Afro-Brasileira e a escritivência de Maria Firmina dos Reis**

### **I.1 Maria Firmina dos Reis e sua obra pioneira**

Neste primeiro tópico do capítulo I, será apresentada uma breve bibliografia da escritora Maria Firmina dos Reis, a partir de estudos de Dilercy Adler (2017), Régia Silva (2013), Nascimento Filho (1975), entre outros que tematizam sobre Maria Firmina dos Reis. Além destes, são apresentados Eduardo Duarte e sua contribuição para a conceituação de uma literatura afro-brasileira, bem como, a crítica literária Conceição Evaristo que contribui neste trabalho a partir do conceito de escritivência.

Maria Firmina dos Reis nasceu em 11 de outubro de 1925 em São Luís do Maranhão, tendo como pai João Pedro Esteves e mãe Leonor Felipe dos Reis. Segundo Silva (2013), foi levada para vila de Guimarães, próxima de São Luís, aos cinco anos de idade. Achados recentes, segundo Adler (2017), indicam que Maria Firmina teria nascido em 11 de março de 1822 e que a sua data de batismo é que ficou conhecida, equivocadamente, como sua data de nascimento.

Outro dado importante em sua certidão de nascimento diz respeito a sua filiação já que o documento traz apenas o nome de Leonor Felipe dos Reis e está ausente o nome do pai (ADLER, 2017). Pouco se sabe sobre o tempo entre sua infância até o seu surgimento nos jornais do Maranhão, em 1860, jornais estes que publicaram seu único romance, *Úrsula*, datado do ano de 1859 (SILVA, 2013). Leonor, sua mãe, fora escrava do Comendador Caetano José Teixeira e também de João Pedro Esteves, ambos homens de posses, sendo que o segundo foi sócio de Caetano. (ADLER, 2017-2018).

Abaixo, na imagem 01, segue imagem que supõe como seria a fisionomia de Maria Firmana dos Reis. Abaixo, a imagem 01 supõe como seria a fisionomia de Maria Firmina dos Reis, a partir de relatos de suas características.

Morais Filho, após uma pesquisa com aquela que seria a filha de criação de Maria Firmina, Nhazinha Goulart, segundo Rafael Zin (2018), diz que:

Traços físicos – Nenhum retrato deixou Maria Firmina dos Reis. Mas estão acordes os traços desse retrato falado dos que a conheceram ao andar pelas casas dos 85 anos. Rosto arredondado, cabelo crespo, grisalho, fino, curto, amarrado na altura da nuca; olhos castanho-escuros, nariz curto e grosso; lábios finos; mãos e pés pequenos, meã (1,58, pouco mais ou menos), morena (FILHO, 1975, s/p).

**IMAGEM 01** – Maria Firmino dos Reis



(Foto/fonte: André Valente / BBC)<sup>1</sup>

Sobre a imagem de Maria Firmina alguns equívocos ainda são identificados, pois ao se pesquisar por seu nome parecem imagens que se diferenciam, pois Maria Firmina dos Reis foi até recentemente confundida com uma mulher branca, pelo fato de não ter deixado registros de sua imagem a confusão que fazem até hoje dela é com a escritora Gaúcha, Maria Benedita Câmara, conhecida como Délia (esta foi sua contemporânea).

Outra imagem que celebra uma possibilidade imagética de Maria Firmina dos Reis é a do selo comemorativo do primeiro ano de atividades da Academia Ludovicense de Letras, que foi elaborado pelo projeto Cento e noventa poemas para Maria Firmina dos Reis “encabeçado pela professora Dilercy Aragão Adler, e retrata a autora de modo mais presumível, com o tom de pele escurecido e a expressão facial um pouco mais séria, ao mesmo tempo em que aparenta estar serena” (Zin, 2018, p. 254).

**IMAGEM 02** – Selo Maria Firmino dos Reis

---

1

Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2020/07/com-rosto-confundido-com-o-de-uma-gaucha-maria-firmina-dos-reis-tem-historia-redescoberta-ckd4q1mc3004z01479hkqgi2t.html>. Acesso em: 21 Fev., 2022.



(Foto/fonte: Zin, 2018)

Dando continuidade à história de Maria Firmina dos Reis, segundo o pesquisador Filho(1975) que traça uma linha do tempo sobre a escritora, em 1847, Maria Firmina disputou com duas concorrentes a uma vaga na cadeira de primeiras letras da cidade de Guimarães, sendo ela a única a ser aprovada. Em 1859 é editado o seu primeiro romance Úrsula, um ano depois, em 1960, ela colabora com uma poesia em A Imprensa, assinada com as iniciais de seu nome, M.F.R.

Sua trajetória é marcada por diversas colaborações, a saber, no Publicador Maranhense, no jornal literário A verdadeira Marmota, Parnaso Maranhense, O Jardim Das Maranhenses. Neste último é onde começa a ser publicado seu romance intitulado de Gupeva (FILHO, 1975).

Em 1863 continua sua trajetória literária publicando no jornal Porto Livre, onde republica Gupeva. Em 1865, em O Eco da Juventude, publica mais uma vez Gupeva e outras poesias. Maria Firmina continua colaborando no Almanaque de Lembranças Brasileiras (1868), no jornal Publicador Maranhense, anuncia que será impresso o seu livro de poesia, Cantos à Beira-Mar (1871) e em O Domingo (1872) (FILHO, 1975).

Ainda segundo Filho (1975), Maria Firmina funda em Guimarães uma escola mista e gratuita para quase todos, que por sua vez era dirigida tanto para homens quanto para mulheres. Tendo sido obrigada a suspender as aulas depois de dois anos e meio. Em 1881 ela se aposenta do ensino público oficial. Nos anos seguintes passa a colaborar no jornal O

País (1885) e em 1887 A Revista Maranhense publica a obra que é o nosso objeto de pesquisa e dará condições para nossas análises, o conto A Escrava.

Filho (1975) continua relatando a linha do tempo de Maria Firmina e afirma que em 1888 ela foi a responsável pela composição do hino da Libertação dos Escravos, sendo letra e música de sua autoria; de 1889 a 1903 colabora nos jornais: Diário do Maranhão, Pacotilha e Federalista, vindo a falecer em 11 de novembro de 1917, na cidade de Guimarães.

Maria Firmina dos Reis foi a primeira mulher brasileira que publicou romances, como já dito foi professora na escola de primeiras letras na vila de Guimarães, era uma mulher mestiça filha de uma mulher negra. Ela conseguiu notoriedade e respeito por meio da atividade que desempenhava como escritora, professora e poetisa (CRUZ, MATOS E SILVA, 2018).

Publicou quatro obras em que se destacam vozes de mulheres, sendo a primeira *Úrsula*, livro publicado em 1859, assinado pelo pseudônimo "Uma Maranhense", seguido de *Gupeva*, publicado três vezes em jornais (1861, 1863 e 1865); a terceira obra, para qual daremos foco neste trabalho, foi *A escrava*, publicado em 1887 e, por último, o livro de poesias *Cantos à Beira-mar*, publicado em 1871, o qual compilava parte dos poemas que tivera publicado em colaboração com diversos veículos de imprensa dos quais fez parte (CRUZ, MATOS E SILVA, 2018).

No livro *Úrsula*, a autora tratou de mulheres e sua diversidade, além dos tipos de educação que cada uma recebia, apresentando de modo resumido em que realidade estas mulheres estavam inseridas, considerando elementos que remetem a domínio que os homens exerciam sobre elas, tomando como ponto histórico o século XIX (CORREA, 2013). A personagem principal era uma mulher branca que tinha sua educação voltada para o casamento, perseguida incestuosamente por seu tio, que também tivera tido anteriormente os mesmos sentimentos por sua própria irmã, a mãe de *Úrsula* (REIS, 2018).

Outro ponto que merece destaque no romance é a relevância das personagens escravizadas, como sujeitos conscientes das injustiças da escravidão, em particular a personagem Susana. Esta personagem importante no romance, Susana, a escravizada, descreve, em sua fala de revolta e lirismo, sua terra natal de onde foi brutalmente retirada, em África:

Liberdade! Liberdade... ah! Eu a gozei na minha mocidade!  
– continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria

as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! Meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: uma filha, que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade! (REIS, 2018;p. 69-70)

Em seu outro romance, intitulado [texto](#) *Gupeva*, a autora relata um drama sobre a indígena Épica, [estaque](#) tem sua história marcada pela paixão por um marinheiro francês do qual descobre ser irmã. A história se desenvolve relatando que a sua mãe tivera o mesmo nome, Épica e que também repetia a história de paixão por um francês, quando esta fora companhia da índia Paraguaçu em seu batizado, esta por sua vez princesa do Brasil (TELLES, 2007). Em síntese, a mãe de Épica morre logo após o seu nascimento, deixando-a aos cuidados de Gupeva, [esteque](#), por sua vez, é um indígena com [e](#) quem era casada. Gupeva posteriormente aparece na história envolvido em uma situação de violência sangrenta pelo fato de buscar impedir a união entre os irmãos.

*Cantos à Beira-mar* é um compilado das poesias e contribuições feitas nos veículos de imprensa de seu tempo, por meio dos quais tomou visibilidade e conquistou respeito. Em seus poemas, a autora também expressa sua valorização aos povos indígenas, como observa-se no poema O canto do Tupi. Apresenta-se a seguir uma estrofe do poema:

Sou filho das selvas – não temo o combate,  
Não temo o guerreiro - guerreiro nasci;  
Sou bravo - eu invoco do bravo o valor,  
Sou filho dum bravo, valente tupi  
(jornal *Echo da juventude*, 1865. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/pdf/738271/per738271\\_1865\\_00009.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/738271/per738271_1865_00009.pdf).)

Vale ressaltar que as marcas de sua escrita, seus temas de interesse se relacionam com a consciência de seu pertencimento à América Latina, ou seja, a existência de raízes coloniais e de opressão nas experiências de resistências dos povos originários e dos povos da diáspora negra, como assinala Lélia Gonzalez (1988).- Vê-se, portanto, o desejo de Maria Firmina dos Reis de evidenciar, através dos mais variados gêneros literários e de suas composições, a luta pela liberdade e denunciar as raízes opressoras do sistema colonial, como no “Hino à liberdade dos escravos” (1888) ,transcritos a seguir:

Salve Pátria do Progresso!

Salve! Salve Deus a Igualdade!

Salve! Salve o Sol que raiou hoje,

Difundindo a Liberdade!

Quebrou-se enfim a cadeia

Da nefanda Escravidão!

Aqueles que antes oprimias,

Hoje terás como irmão!

(Disponível em: [lintrab.blogspot.com/2013/04/hino-liberdade-dos-escravos.html](http://lintrab.blogspot.com/2013/04/hino-liberdade-dos-escravos.html))

Por último, o texto *A Escrava*, um romance, em que a autora evidencia as vozes de mulheres com destaque para os temas da escravidão e abolicionismo, trata de uma descrição de solidariedade entre negros, brancos e índios contra a escravidão (CRUZ, MATOS E SILVA, 2018). Além disso, a autora busca registrar representantes da escravidão como o capitão do mato e o senhor de escravos de modo que estes são representados com a negatividade que compunha suas práticas, ela também descreve a figura da mulher abolicionista no contexto que diz respeito a escravidão. Detalhes deste texto deixaremos para o momento de nossas análises.

## **I.2: O que é literatura afro-brasileira para Eduardo Duarte?**

Neste tópico, será discutido o termo—Literatura afro-brasileira, a partir da contribuição do pesquisador Eduardo de Assis Duarte—professor aposentado do Programa de Pós-graduação em Letras Estudos Literários, da UFMG, que vem desenvolvendo um sólido trabalho no campo da literatura afro-brasileira, analisando obras de autores negros, como Machado de Assis, no âmbito do grupo de pesquisa—Afrodescendências na Literatura Brasileira<sup>2</sup>. Destaca-se que uso das imagens dos teóricos é uma proposta metodológica de não apagamento destes indivíduos negros e que aqui não atuam só como referencial teórico,

mas como os próprios propositores de uma metodologia adequada para a categorização de uma literatura afro-brasileira.

Em decorrência de sua contribuição para o campo dos estudos da literatura Afro-brasileira é que sua produção intelectual fornece caminhos para a elaboração do trabalho em questão, neste sentido, para Eduardo Duarte (2008) o século XXI passa por um momento de significativa riqueza em relação a literatura afro-brasileira, com realizações e descobertas que dão condições para a ampliação do corpus desta literatura, quer seja pela prosa, poesia ou os debates acadêmicos que envolvem as produções literárias.

Ainda que, muitos da academia se indaguem sobre a existência realmente de uma literatura afro-brasileira, indagação a qual Eduardo Duarte (2008, p. 11) descreve como “perversa” e de que esta “não deseja resposta” alguma, ainda que as pesquisas indiquem o vigor da escrita afro-brasileira, que na sua visão é:

[...] contemporânea, quanto se estende a Domingos Caldas Barbosa, em pleno século XVIII; tanto é realizada nos grandes centros, com dezenas de poetas e ficcionistas, quanto se espalha pelas literaturas regionais, a nos revelar, por exemplo, uma Maria Firmina dos Reis escrevendo, em São Luiz do Maranhão, o primeiro romance afro-descendente da língua portuguesa – Úrsula – no mesmo ano de 1859 em que Luiz Gama publica suas Trovas burlescas... Enfim, essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa (DUARTE, 2008, p. 11).

Continuar trazendo estes debates para o ambiente acadêmico é mais uma forma de produzir conhecimento que valorize, resgate, movimente e estimule o pensamento crítico sobre uma literatura afro-brasileira que considera a própria Maria Firmina dos Reis, para a qual o trabalho rende atenção, uma destes destaques no que tange a comprovação deste tipo de literatura.

Na visão do autor seria mais contundente pensar outras formas de indagação, como as que ele próprio faz em seu texto (DUARTE, 2008, p. 12), por exemplo, "o que torna a escrita afro-brasileira distinta do conjunto de letras nacionais?" ou ainda "que elementos diferenciam e conferem especificidades à produção literária dos brasileiros descendentes de africanos?" em decorrências de suas próprias perguntas Duarte (2008) vai buscar em cinco elementos sua fundamentação para a configuração desta literatura, sendo eles: a *temática*, a *autoria*, o *ponto de vista*, a *linguagem* e o *público*.

Nas palavras do autor “em primeiro lugar, a *temática*: “o negro é o tema principal da literatura negra”, afirma Octavio Ianni, que vê o sujeito afro-descendente não apenas no plano do indivíduo, mas como “universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura”” (DUARTE, 2008, p. 12).

No que diz respeito a *autoria*, esta é “uma escrita proveniente de autor afro-brasileiro, e, neste caso, há que se atentar para a abertura implícita ao sentido da expressão, a fim de abarcar as individualidades muitas vezes fraturadas oriundas do processo miscigenador” (DUARTE, 2008, p. 12). Ainda sobre a *autoria* o autor dirá que,

Complementando esse segundo elemento, logo se impõe um terceiro, qual seja, o ponto de vista. Com efeito, não basta ser afro-descendente ou simplesmente utilizar-se do tema. É necessária a assunção de uma perspectiva e, mesmo, de uma visão de mundo identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população (DUARTE, 2008, p. 12).

O *ponto de vista* é o terceiro elemento que deve ser observado neste tipo de literatura, ou seja, não apenas discutir a temática do negro na obra e a autoria, mas, identificar “um “sujeito de enunciação que se afirma e se quer negro” (DUARTE, 2008, p. 12).

Para exemplo, o lugar assumido por autores que tratam da temática do negro, mas partir, ainda, de um olhar eurocentrado que costuma inferiorizar, desumanizar e subalternizar com base no ponto de vista desvirtuado, para exemplo trecho do texto de Monteiro Lobato:

Pois cá comigo - disse Emília- só aturo estas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo.  
Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo.  
Parecem-me muito grosseiras e até bárbaras  
- coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto, e não gosto!  
- Bem se vê que é preta e beijuda ! Não tem a menor filosofia, esta diaba. Sina é o seu nariz, sabe ?  
Todos os viventes têm o mesmo direito à vida, e para mim matar um carneirinho é crime ainda maior do que matar um homem. Facínora !  
- Emília , Emília ! - ralhou Dona Benta.  
A boneca botou-lhe a língua.  
(MONTEIRO LOBATO, 1957, p.132 )

O quarto elemento se constitui no que diz respeito a *linguagem*, segundo o autor, esta funda-se em “uma discursividade específica, marcada pela expressão de ritmos e significados novos e, mesmo, de um vocabulário pertencente às

práticas lingüísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil” (2008, p. 12).

Por último, o *público*, que seria “um público leitor afro-descendente como fator de intencionalidade próprio a essa literatura e, portanto, ausente do projeto que nortearia a literatura brasileira em geral” (DUARTE, 2008, p. 12). O autor, ao mencionar cada um destes elementos destaca que nenhum deles isoladamente possibilita que dada literatura seja considerada pertencente a Literatura Afro-brasileira, logo o que assim a caracteriza é a interação entre estes elementos.

Na análise do conto A escravasão levados em consideração os elementos da temática, autoria, o ponto de vista e a linguagem, inserindo a obra dentro da Literatura afro-brasileira. Neste sentido, a análise não será feita por isolamento, como recomenda Duarte, mas sim por meio do agrupamento dos cinco elementos.

No texto Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI, Duarte (2020) inicia apresentando o que chama de “a cor da literatura”, ele apresenta uma pergunta fundamental para o desenvolvimento de sua ideia, que é “literatura tem cor?”, em seguida ele mesmo responde dizendo que acredita que sim, pois a cor ele tem ligação direta com a identidade, como os valores, e que estes se fazem presentes na linguagem que constrói o texto (2020, p. 04).

Desta forma, a literatura afro-brasileira seria uma forma de expressão, uma discursividade que é construída a “partir da visão de mundo” e das “trajetórias vividas” pelos próprios africanos que foram escravizados e pelos seus descendentes. Estas definições teóricas e conceituais apontam para um conceito importante da autora Conceição Evaristo que é citada por Duarte (2020), *escrivência*, ele identifica o conceito cunhado pela autora como uma atitude, bem como uma prática, que evidencia a experiência como “motivo e motor da produção literária” (DUARTE, 2020).

Estas explicações são fundamentais para que se possa pensar a literatura que aqui defendemos juntos aos autores e que analisaremos posteriormente. Outro dado importante proposto por Duarte (2020) é a noção de que o acréscimo do prefixo "afro", antes do termo literatura, ele traz densidade crítica, funcionando como um ponto de vista que considera a existência do sujeito se afro identifica na condução e abordagem de um determinado tema, quer seja poético ou ficcional.

E que mais que um ponto de vista, é um lugar discursivo que possibilita a inscrição do negro de um modo que é diferente daquele que estamos acostumados a identificá-los,

baseado, sobretudo na ótica e literatura brasileira canônica, ou seja, não parte do próprio dizer dos negros e sim dos dizeres de mulheres e homens brancos, portanto escritas distintas (DUARTE, 2020).

No tópico, a seguir, trataremos mais detalhadamente o conceito Escrivivência, da escritora e teórica da literatura, Conceição Evaristo.

### **I.3 A escrevivencia de Conceição Evaristo**

Conceição Evaristo é uma escritora—\_negra nascida em 1946 e também uma das maiores críticas literárias da atualidade no Brasil. Evaristo é professora, doutora em Literatura Comparada, escritora de poesias, ficção e ensaio. Esse ano, foi eleita a nova titular da Cátedra Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência da USP. A escritora tem textos traduzidos e publicados na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos, e vêm sendo estudados nas universidades brasileiras e também no exterior. Seus principais livros são: Insubmissas lágrimas de mulheres (2011), relança Becos da memória (2013), Olhos d'água (2014) livro finalista do prêmio Jabuti na categoria Contos e Crônicas e, por último, Histórias de leves enganos e perecenças (2016).

Suas obras tratam de uma escrita baseada no realismo poético, seu trabalho é reconhecido não só por ficcionar memórias guardadas, bem como por vir construindo exemplarmente um modo de fazer literatura que traz nas suas narrativas memória familiar, em que são manifestas subjetividades da mulher negra na sociedade brasileira (SILVA, 2017).

Para Silva (2017),

Apesar das dificuldades de reconhecimento de uma literatura afro-brasileira no âmbito da literatura brasileira, o texto de Conceição sempre encontrou legitimação através do campo social negro, com o seu uso frequente por um público de professoras, militantes e mulheres dispostas a encarar a condição da mulher negra, discutida por Conceição, em suas classes escolares, em suas comunidades e em seus espaços de representação (SILVA, 2017, p. 10).

Segundo a pesquisadora o público que a inspira em sua escrita não é exatamente aquele que tem acesso aos seus textos, e que de modo consciente ela se "arrisca diante das indagações impostas pela vida" (2017, P. 10) trazer para seus trabalhos uma posição marcada

ideologicamente e esteticamente pelo questionamento da subalternização humana do negro, com destaque para a condição de existência da mulher negra.

No que diz respeito ao conceito de “escrevivência”, cunhado por Conceição Evaristo, estamos diante de uma combinação organizada pela autora que caracteriza os seus processos de criação, podendo seguir a interpretação proposta por Silva (2017) ao tratar da junção das palavras “escrever (verbo) e vivência (substantivo)” (2017, p. 20). Contudo, a pesquisadora, salienta que esta definição lexical não possibilita a compreensão total da escrevivência que se consolida conceitualmente em um campo de sentidos, tomando dimensões mais específicas e definidoras para aqueles que tratam das teorias e críticas da literatura.

A escrita de Conceição Evaristo coloca luz nas estruturas de poder e questiona a fina democracia racial de que tanto se fala, além de implodir as barreiras que interditam as vozes marginalizadas pelos códigos que são vigentes e atuam na vigilância da aparição dessas vozes, conforme dizem Bispo e Lopes (2018, p. 191).

Esta escrevivência é fruto de uma compreensão de uma Literatura Negra, que é também a prática de uma afro-brasilidade (EVARISTO, 2009), sendo assim comunga com o tópico 2 desse capítulo, no qual foi referido o conceito de Eduardo Duarte (2008), em que ele apresenta elementos para a compreensão de uma Literatura Afro-brasileira. De acordo com Evaristo este tipo de escrita tem elementos que a constitui deste modo, a partir da seguinte perspectiva:

Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma ‘subjetividade’ própria vai construindo a sua escrita, vai ‘inventando, criando’ o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade – às vezes, só simbolicamente, reconheço – frente às outras mulheres, não brancas. E desse lugar, muitas vezes, a mulher branca pode e pode se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco. Historicamente, no Brasil, as experiências das mulheres negras se assemelham muito mais às experiências de mulheres indígenas. E então, volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem

os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influencia minha subjetividade (EVARISTO, 2009, p. 18).

Sendo assim, a escrevivência em Conceição Evaristo (2009) toma um entendimento pelas resistências femininas e afrodescendentes, com o recorte para a condição de existência da mulher negra (BISPO e LOPES, 2018). Há um esforço para que a compreensão da mulher negra como “sujeito de capacidade inata para cuidar e servir” (BISPO e LOPES, 2018, p.) seja dissipada para dar espaço a uma mulher negra que é o sujeito de consciência autorrepresentativa, uma mulher negra na sociedade brasileira situada nas suas próprias experiências.

Essa escrevivência é um ato político e como tal, a autora descreve que “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p. 21).

Segundo Silva (2017), a escrevivência de Conceição Evaristo, ainda, pode ser compreendida como um conceito que propõe

[...] explicitar e discutir as trajetórias das histórias de afro-brasileiros, criadas pela dinâmica do movimento diaspórico no Brasil, através da qual, as experiências e as vivências desses mesmos sujeitos transmitam, entre o acontecimento e a narração do fato, uma realidade sobre um modo particular de produzir literatura, como um caminho filosófico de questionamento à existência da humanidade negra no texto literário (SILVA, 2017, p. 20).

Sendo assim, Conceição Evaristo não se ocupa de qualquer sujeito, ela se ocupa teoricamente dos marginalizados na cultura da modernidade, sendo assim discute a existência da humanidade negra de forma filosófica em que as experiências e vivências afro-brasileiras são postas em evidência os dilemas, conflitos, alegrias, inteligência, dificuldades, a simplicidade, o gosto, os enfrentamentos ao mundo, a ancestralidade, identidade, as memórias negras etc.

Tudo isso interessa do ponto de vista desta pesquisa, pois forma o apanhado teórico conceitual do qual se precisa para o cruzamento com as leituras e as análises que serão apresentadas nos tópicos posteriores, neste caso, em relação a produção de Maria Firmina dos Reis da qual se trata este trabalho e com a qual o que foi dito até agora demonstra relação e pertinência para o levantamento de uma análise que cruze sua produção literária, a

literatura afro-brasileira e as concepções de escrevivência que atravessam toda a análise do conto *A Escrava*.

## CAPÍTULO II: Análise de *A Escrava*

Neste capítulo são realizadas análises interpretativas e descritivas da obra em questão, apresentam-se duas seções, a saber, um percurso analítico que foca o olhar nas percepções acerca da narradora do conto alinhando sua discursividade a uma aproximação conceitual para a categorização de texto que afro-brasileiro com base nos elementos apontados por Duarte (2008), além de uma incursão acerca da escrevivência de Conceição Evaristo (2019), como recurso de identificação em relação a posição do narrador.

Por último, apresenta-se uma análise da personagem Joana, sua caracterização na história, uma descrição e interpretação com base nos entendimentos produzidos pelo cruzamento do uso de um aporte teórico e conceitual utilizados para a construção metodológica deste trabalho, que evidenciam as rupturas discursivas produzidas tanto na história, na política e no momento em que este texto passa a existir.

### 2.2 Um olhar sobre a narradora do conto

Ao se analisar a obra *A Escrava*, objeto de estudo deste trabalho, é possível, através do aporte teórico desenvolvido até aqui, dizer que apresenta identificação e pertinência com as categorias que qualificam um texto como pertencente à literatura afro-brasileira, bem como elementos importantes da categoria “escrevivência”, cunhada pela teórica Conceição Evaristo.

No que diz respeito a sua pertença à literatura afro-brasileira, tem-se uma temática, neste caso, que se destaca desde o título “A Escrava” como um enunciado que faz parte do assunto histórico da época em que foi publicado o conto, a diáspora forçada de negros e negras de África, quanto demonstra pressupostamente a ideia da negritude como tema do texto, o que é algo importante para nossa análise. Porém, segundo Duarte (2008) só este fato de colocar o negro como centro de uma narrativa por si só não é capaz de categorizar um texto afro-brasileiro, como foi visto no primeiro capítulo.

A narradora do texto inicia o conto com uma caracterização situando o leitor que:

Em um salão onde se achavam reunidas muitas pessoas distintas, e bem colocadas na sociedade, e depois de versar a conversação sobre diversos assuntos mais ou menos interessantes, recaiu sobre o elemento servil. O

assunto era por sem dúvida de alta importância. A conversação era geral; as opiniões, porém, divergiam. Começou a discussão (REIS, 2018, p. 164).

Em decorrência deste posicionamento do leitor frente ao ponto de partida do texto a autora coloca de imediato uma mulher na posição de emissora de uma fala extremamente desafiadora para época, assumindo uma postura que não só se posiciona politicamente sobre a abolição, como também consegue elaborar um pensamento questionador que toma como ponto de argumentação as noções religiosas e políticas que organizavam determinadas questões sociais para os indivíduos daquela sociedade. O que fica perceptível na fala à seguir:

— Admira-me, – disse uma senhora de sentimentos sinceramente abolicionistas; – faz-me até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove! A moral religiosa e a moral cívica aí se erguem, e falam bem alto esmagando a hidra que envenena a família no mais sagrado santuário seu, e desmoraliza, e avilta a nação inteira! Levantai os olhos ao Gólgota, ou percorrei-os em torno da sociedade, e dizei-me: — Para quê se deu em sacrifício o Homem Deus, que ali exalou seu derradeiro alento? Ah! Então não é verdade que seu sangue era o resgate do homem! É então uma mentira abominável ter esse sangue comprado a liberdade!? E depois, olhai a sociedade... Não vedes o abutre que a corrói constantemente!... Não sentis a desmoralização que a enerva, o cancro que a destrói? (REIS, 2018, p. 164).

Estas colocações sugerem que a narradora seja uma mulher importante, visto que os que lhes cercam são pessoas “distintas da sociedade”, e ainda detém o poder de proferir falas extremamente revolucionárias para uma mulher. A personagem coloca a situação da escravização não só como uma vergonha no que diz respeito à civilidade e a concepção cidadã, mas como uma questão moral, um aspecto doentio do homem, e uma abominação diante da noção de Deus.

A narradora continua o texto colocando questões mais profundas sobre o processo histórico abolicionista, levando em consideração que o Brasil tivera sido um dos últimos países a “libertar” os negros escravizados, citando do processo de desvalorização dos bens de exportação do Brasil pelo fato de ainda serem de produção de mão de obra escravizada. Como fica nítido em “Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e será sempre um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado” (REIS, 2018, p. 164).

Portanto, é possível notar que se trata de um olhar narrativo que não se faz desavisado das circunstâncias do seu tempo, nem está desprendida de questões profundas que revelam não só uma aproximação com a temática afro, quanto demonstra empatia, um posicionamento político e ético quando considera a economia, a civilidade e o ser humano. Percebe-se assim uma aproximação da voz dessa personagem feminina, pertencente a um círculo de intelectuais abolicionistas, com o posicionamento da própria escritora, sendo ela mesma uma mulher engajada e pertencente à intelectualidade do seu tempo, como foi visto no primeiro capítulo. Maria Firmina dos Reis cria, assim, uma personagem que narra o núcleo central da narrativa a partir de um ponto de vista e vivências muito próximo do seu, estabelecendo assim uma identificação autora/narradora/personagem, inaugurando uma escritura próxima ao que Conceição Evaristo define como “escrivência”.

A humanidade da narradora se destaca muito mais no desenvolvimento do texto a altura em que cita “Tomei com coragem a responsabilidade do meu ato: a humanidade me impunha esse santo dever” (REIS, 2018, p. 170), esta humanidade ela pode se caracterizar por uma questão fundamental nesta escritura, a importância da “a autoria”, a escritura de uma mulher atenta aos problemas de sua época e atuante na denuncia de crimes contra a humanidade, como é o caso da escravidão. Na condição de mulher negra que é o caso de Maria Firmina dos Reis este fato se justifica e alinha mais ainda o seu texto à categoria de texto afro-brasileiro, temos então a segunda categoria proposta por Duarte (2008) atendida.

Para Duarte (2005, p. 14) ao se analisar um texto da literatura a fim de qualificá-lo como pertencente da literatura afro, alguns recursos não podem ser deixados de lado ou ignorados pelo/a pesquisador/a, neste caso “não pode se reduzir a simplesmente verificar a cor da pele do escritor, mas deve investigar, em seus textos, as marcas discursivas que indicam (ou não) o estabelecimento de elos com esse contingente de história e cultura.”

Para que se possa resgatar a noção de autoria proposta pelo autor, quer dizer que se trata de uma escrita realizada por “autor/a afro-brasileiro/a considerando, inclusive os processos de miscigenação” Duarte (2008: p.).

A narradora segue sua argumentação, pedindo para contar um fato, na tentativa de convencer possíveis interlocutores, e solicita para que seja prestada atenção no que ela julga demonstrar que a escravização é uma vergonha, que coloca os que a apoiam em posição de responsáveis por crimes, e que este é o papel social que se assume, ressaltando a injustiça e o papel de vítima do ser escravizado.

Esta parte do texto já aponta um direcionamento de grande importância da narrativa no que diz respeito a relação com a categoria da temática de Duarte (2008), pois não individualiza a questão da escravização, antes consegue revelar um sistema que envolve o negro como temática considerando o “universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura” (DUARTE, 2008, p. 12).

Seguindo o conto, a narradora parte para o fato que deseja contar, ambientando sua narrativa de forma poética e com bastantes detalhes, em uma tarde de agosto, em uma costa da qual se podia ver o sol deslumbrante caminhando para o poente conforme é possível deduzir de sua descrição em:

Era uma tarde de agosto, bela como um ideal de mulher, poética como um suspiro de virgem, melancólica e suave como sons longínquos de um alaúde misterioso. Eu cismava, embevecida na beleza natural das alterosas palmeiras que se curvaram gemebundas, ao sopro do vento, que gemia na costa. E o sol, dardejando seus raios multicores, pendia para o ocaso em rápida carreira (REIS, 2018, p. 165).

A narradora segue falando da aparição de uma mulher que: “De repente uns gritos lastimosos, uns soluços angustiados feriram-me os ouvidos, e uma mulher correndo, e em completo desalinho, passou por diante de mim, e como uma sombra desapareceu” (REIS, 2018, p. 165).

Neste momento podemos dizer que o texto entra na terceira categoria proposta por Duarte (2008) ao tratar do ponto de vista como terceiro elemento que possibilita categorizar um texto como afro-brasileiro, o ponto de vista.

O ponto de vista neste caso não basta ser afrodescendentes, bem como usar o tema afro para a sua produção, faz-se necessário que se tenha vivência, visão de mundo que tenha identificação com a história e cultura, tomando como parte as problemáticas próprias da vida desta população (DUARTE, 2008) não é só um recurso literário, uma sensação, um movimento do pensamento ou um esforço para montar uma ficção, é ter propriedade, vivências, aproximação, sensibilidade, parte e responsabilidade com aquilo que está sendo dito e que de alguma forma esse dizer é uma atitude de responsabilidade social, de ação política, de uma prática também de politização dos que possam ler.

O ponto de vista fica evidente e desenvolve-se cada vez mais não só no posicionamento da narradora que defende a abolição, o direito ao trabalho remunerado, a solidariedade entre homens, a igualdade entre os miscigenados, bem como no seu

posicionamento de gênero, a ênfase no lugar da mulher escravizada, como se vê no desenrolar do conto ao defender a escrava Joana que fugia de seu algoz, pelo fato de ter sido violentada brutalmente pelo capataz após desacordar em face da exaustão por conta do trabalho.

Outra categoria que se revela na escrita de Maria Firmina dos Reis que a coloca no centro das discussões e a categoriza como literatura afro-brasileira diz respeito a linguagem, neste caso ela não seria apenas um arcabouço linguístico proveniente de África, é isto também, bem como a articulação de um discurso que é totalmente envolvido pelas marcas do processo “transculturador” no Brasil (DUARTE, 2008).

Esse elemento categórico pode ser notado com muita profundidade nas operações de falas em que a senhora que narra o conto oferece espaço para que as narrativas negras aconteçam, pois poderiam ser silenciadas e ditadas como partes das falas dos próprios personagens brancos, um ponto de destaque é que na aparição de cada indivíduo negro ou mestiço na trama literária, eles são mencionados com base na caracterização de sua cor, como se fosse uma estratégia da autora de sinalizar ponto de ancoragem e de cruzamento dentre ela mesma e seus iguais, além de marcar o momento de fala desses sujeitos quase sempre silenciados, sobretudo por causa de sua cor.

Estes exemplos ficam evidente nas partes em que aparece Joana a primeira vez: “— não viu por aqui passar uma negra, que me fugiu das mãos ainda há pouco?” (REIS, 2018, p. 166), ou na descrição do feitor com “Era ele de cor parda, de estatura elevada, largas espáduas, cabelos negros, e anelados” (REIS, 2018, p. 166) e na aparição de Gabriel, filho de Joana com “O rosto negro, e descarnado; suposto seu juvenil aspecto aljofarado de copioso suor, seus membros alquebrados de cansaço, seus olhos rasgados, ora deferindo luz errante, e trêmula” (REIS, 2018, p. 167).

Desta forma, o conto *A Escrava* traz em sua linguagem não só um discurso que se cruza com a história que se desenvolve com chegada dos povos negros no Brasil e aqui se desenvolve, ela é também marcada por uma narrativa que considera os elementos desse processo, a descrição da mão de obra negra, a escravização como uma prática hedionda entendida aqui como uma ação de subalternização de uns para com outros humanos baseada na exploração da força braçal, da humilhação, do castigo do corpo e da alma, da proibição das práticas religiosas de matriz afro, da violência sexual de suas mulheres e filhas, e toda as perversidades que lhes foram imputadas.

Na análise do texto *A Escrava de Maria Firmina dos Reis*, não é possível fugir do que tratam as representações dos personagens do conto, em primeiro momento se tem a Senhora que narra o conto, a escrava Joana, Antônio o feitor, Gabriel filho de Joana, o senhor Tavares, Carlos e Urbano, filhos de Joana, a escrava mãe de Joana e o indígena seu pai.

Todos estes personagens são a representação e a concepção de país oitocentista trazida por Maria Firmina dos Reis, em que as aspirações de uma escritora negra, ainda que privilegiada por sua condição de formação e dos espaços que havia conquistado, evidenciava em sua conduta de vida e ética as vivências próprias da cor de sua pele, as quais apresentava por meio do conto, para exemplo a senhora branca privilegiada que pode-se pensar na representação da própria autora na figura de uma mulher com as condições necessárias de enfrentamento para serem usadas naquele tempo.

Ou seja, foi preciso utilizar de estratégias de ocultação da autoria para que fosse possível dar legitimidade ao texto, por meio da ficção, uma modalidade que talvez tivesse maior impacto e capaz de passar pela censura, tal qual uma estratégia de evidenciar sua mensagem de igualdade e de liberdade com base em suas vivências e nas vivências das pessoas de sua cor.

Retomando as categorias propostas por Duarte (2008), a categoria do público-leitor, referente a um público afrodescendente que é também a intenção desse tipo de literatura, buscar este público e inseri-lo na literatura, que por diversos motivos, um deles a hegemonia branca na literatura falando de branco e para brancos não considera a pluralidade do público e nem se interessa em acolher visto que seu projeto geral de literatura é outro e o é a partir do olhar do próprio colonizador ou “capataz”.

Por último, é possível pensar que da mesma forma que a identificação do ponto de vista da autora se faz pela voz da narradora, os laços identitários também se apresentam na construção da protagonista Joana, mulher escravizada, em luta contra as violências e injustiças da escravidão.

### 2.3 A protagonista Joana

Joana é a protagonista do texto *A Escrava* de Maria Firmina do Reis, esta mulher tem sua primeira aparição marcada no texto com base numa descrição da senhora que realiza a narração do conto, como se apresenta no texto a seguir:

De repente uns gritos lastimosos, uns soluços angustiados feriram-me os ouvidos, e uma mulher correndo, e em completo desalinho, passou por diante de mim, e como uma sombra desapareceu. Segui-a com a vista. Ela espavorida, e trêmula, deu volta em torno de uma grande moita de murta, e colando-se no chão nela se ocultou. Surpresa com a aparição daquela mulher, que parecia foragida, daquela mulher que um minuto antes quebrara a solidão com seus ais lamentosos, com gemidos magoados, com gritos de suprema angústia, permaneci com a vista alongada e olhar fixo, no lugar que a vi ocultar-se (REIS, 2018, p. 165).

Sua aparição marcada por elementos de conotação hiperbólica como “lastimosos”, “lamentosos” e apelos linguísticos que recorrem ao emocional “soluços angustiados”, “espavorida”, “trêmula” etc., fazem jus a cena de lamento e sofrimento que introduz a escrava Joana na trama.

Em seguida, e ao contrário do que se presumia em face da senhora ser a narradora do texto, quem faz a caracterização física de Joana é Antônio, o feitor, que tem sua presença relatada logo em seguida do aparecimento de Joana no conto, e ele a descreve da seguinte maneira “– não viu por aqui passar uma negra, que me fugiu das mãos ainda há pouco? Uma negra que se finge doida...” (REIS, 2018, p. 166).

Em continuidade o feitor trata de Joana com dureza e maldade, relatando que ela fugia dele, que o fazia cansar e que logo a capturasse ela sofreria as penas de tal fuga e a ameaça “- Maldita negra! Esbaforido, consumido, a meter-me por estes caminhos, pelos matos em procura da preguiçosa... Ora! Hei de encontrar-te; mas, deixa estar, eu te juro, será esta a derradeira vez que me incomodas. No tronco... no tronco: e de lá foge!” (REIS, 2018, p. 166).

Na condição de escrava e de foragida os recursos de correção, no caso, os de subjugação e subalternização era o castigo, portanto Joana estava condenada ao castigo desde seu nascimento, visto que era filha de escrava com um indígena, conforme ela mesma relata no decorrer do conto “- Minha mãe era africana, meu pai de raça índia; mas de cor fusca. Era livre, minha mãe era escrava” (REIS, 2018, p. 172). Este aspecto da personagem

estabelece uma conexão com a própria autora que também se constitui por este viés da miscigenação.

Na seguida do aparecimento de Antônio, o capataz, é enganado pela senhora que narra o conto, ele é orientado a ir em direção contrária de onde possa estar Joana. Este fato é demasiado interessante, pois apresenta uma cumplicidade de gênero, assim como a decisão da autora em construir esse protagonismo feminino, e apresentar a sororidade, como resistência e forma de enfrentamento das mulheres ao regime colonial, entre uma mulher abolicionista e uma escravizada.

Tomando a continuidade da narrativa, aparece então Gabriel filho de Joana. Neste ponto do texto algumas informações a mais sobre Joana são narradas e o conto começa a tomar maiores proporções, como em:

Amanhã, – continuou ele, – hei de ser castigado; porque saí do serviço, antes das seis horas, hei de ter trezentos açoites; mas minha mãe morrerá se ele a encontrar. Estava no serviço, coitada! Minha mãe caiu, desfalecida; o feitor lhe impôs que trabalhasse, dando-lhe açoites; ela deitou a correr gritando. Ele correu atrás. Eu corri também, corri até aqui porque foi esta a direção que tomaram. Mas, onde está ela, onde estará ele? (REIS, 2018, p. 168).

Esta descrição situa melhor a personagem Joana, sua atividade, e o motivo pelo qual parece fugindo e em tamanho desespero, tal qual Joana, Gabriel é escravo que aponta para o papel decisivo da descendência no lugar social que os indivíduos negros e miscigenados assumiam.

Maria Firmina do Reis mais que narrar um conto ela se apropriou das palavras para narrar o mundo e as questões que lhes eram próximas, não só no que diz respeito a momento em que viveu, mas também a pertença de sua cor e semelhanças com as histórias de descendentes.

Em continuação do conto A Escrava, do ponto em que Gabriel encontra sua mãe desfalecida, pois fora informado pela narradora onde encontrava-se a flagelada que fugia, esta mesma senhora que se demonstra uma abolicionista desde o início do texto, propõe levá-los pra sua casa, e chama seus criados para que juntos com Gabriel façam o transporte de Joana, que está desmaiada.

Na casa da senhora Joana acorda próximo de Gabriel e lamenta está convalescendo “- Gabriel? Gabriel? – És tu? - É noite. Eu morro... E o serviço? E o feitor?” (REIS, 2018,

p. 170) e refaz parte de sua história oralizando tanto para Gabriel quanto para a senhora, sobre sua origem, principalmente sobre seu desalento materno:

“- Não sabe, minha senhora, eu morro, sem ver mais meus filhos! Meu senhor os vendeu... eram tão pequenos... eram gêmeos. Carlos, Urbano... Tenho a vista tão fraca... é a morte que chega. Não tenho pena de morrer, tenho pena de deixar meus filhos... meus pobres filhos!... Aqueles que me arrancaram destes braços... Este que também é escravo!...” (REIS, 2018, p. 171).

É possível perceber nesta parte do texto não só a ampliação dos relatos de sofrimento de uma mulher negra escravizada, bem como a expansão da maternidade da mulher negra escravizada, atrelado aos sofrimentos próprios dessa vivência, da dor de ser considerada como um objeto e ter seus filhos tomados de si por esta mesma lógica que desumanizava as pessoas com base na cor da pele.

Somadas a estas dores advindas da maternidade, Joana relata as dores de ter sido também uma criança escravizada, de ter tido comprada a sua liberdade com muito esforço feito pelo seu pai:

[...]consegui um fundo de reserva em meu benefício. Um dia apresentou a meu senhor a quantia realizada, dizendo que era para o meu resgate. Meu senhor recebeu a moeda sorrindo-se – tinha eu cinco anos – e disse: — A primeira vez que for à cidade trago a carta dela. Vai descansado (REIS, 2018, p. 172).

Contudo esta liberdade nunca fora alcançada de fato, pois o documento apresentado ao pai de Joana era um simples papel com dizeres que não faziam sentido algum, visto que não sabia ler nunca teve disso tomado fé. Joana conta que sua liberdade durou dois anos apenas, com a morte de seu pai, ela teve que voltar ao trabalho escravo, sua mãe que já vinha definhando e amargando a morte do esposo, quando teve conhecimento de que o documento que dava liberdade a Joana era falso, passou mal e três dias após este fato também veio a falecer.

Joana tece todos estes relatos enquanto atravessa um momento de morte, entre suas dores e agonia não consegue conter a força materna e implora para que a senhora proteja seu filho, Gabriel: “- apadrinhe Gabriel, meu filho, ou esconda-o no fundo da terra; olhe, se ele for preso, morrerá debaixo do açoite, como tantos outros, que meu senhor tem feito expirar debaixo do azorrague! Meu filho acabará assim” (REIS, 2018, p. 173).

Estes aspectos maternos do conto de Maria Firmina dos Reis faz refletir e buscar relacionar tais narrativas com a própria história de vida da autora, tomadas as distâncias que são apropriadas para se considerar como conto, pois enquanto filha de uma mulher negra e escrava, de um pai desconhecido e criada por familiares que a possibilitarem ascender socialmente a posição de intelectual de seu tempo, Joana é também as manifestações das escrevivências de Maria Firmina e de todos aqueles e aquelas que são seus descendentes.

Joana morre relatando o sumiço de seus outros dois filhos, Carlos e Urbano e evidenciando a dor que foi aquele momento em que seus filhos foram levados ainda crianças e ela não pode nada fazer.

A história de Joana é marcada por perdas, por dor, sofrimento e desalento, de falsas esperanças o que concede ao conto tom de muita angústia, sentimento este que é relatado costumeiramente pelas populações negras até os dias atuais, é também uma história que busca de forma estratégica sensibilizar os olhares de uma época a partir de uma narrativa realizada por uma senhora branca, que mesmo sendo uma forma encontrada pela autora para alcançar seu objetivo, não deixa de colocar luz num aspecto que por vezes fica de fora nesse tipo de análise, que é a do branco salvador do negro, papel recorrentemente ratificado por algumas vertentes históricas, como a Abolição pela Princesa Isabel, como a narrativa sob o olhar dos colonizadores, a história feita por homens brancos, a própria literatura em geral que não considera estas particularidades históricas e por fim a sensação do branco salvador reproduzida pelas mídias e pela literatura canônica que tratam de temas como a escravização do povo negro.

## **Considerações finais**

A história de Maria Firmina dos Reis nos deu uma compreensão maior do que trata sua obra, neste sentido, compreender que uma mulher negra do século XIX se propôs ao enfrentamento político e social ao considerar em suas narrativas questões e demandas do povo negro e levantar esta historicidade, foi sem dúvida um dos grandes ganhos que se teve com a produção deste trabalho.

Outro ponto está no recurso do uso da linguagem como de protagonismo e de luta, Maria Firmina dos Reis demonstra por meio de sua vida e escrita que é possível ao mesmo “abalar” e fazer refletir sobre as estruturas que dão manutenção às desigualdades e as subalternização dos sujeitos e isso pode e deve ser combatidas em qualquer tempo, circunstância e condição.

Trazer as noções de categorização de texto afro-brasileiro com base nas noções propostas por Eduardo Duarte, enfatizando a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e público-leitor foi de grande relevância, pois mobilizar estes conceitos é uma atividade que mantém vivo este esforço teórico de grandes nomes negros intelectuais para tratarem com base numa vivência política e social que faz relação com aquilo que está sendo analisado, diferente de fazer uma análise deste mesmo texto com autores que corroboram o discurso misógino, eurocêntrico e ainda racista em nossos dias.

Ter descoberto as concepções de escrivência de Conceição Evaristo foi uma grande recompensa, pois sua contribuição para a literatura brasileira é uma preciosidade e sua contribuição intelectual na academia faz mais sentido ainda quando relacionada com uma obra como a de Maria Firmina dos Reis, pois dialogam em profundidade, sensibilidade e se demonstram recíprocas no que diz respeito as vivências, descendência e empatia.

Por fim, este trabalho responde a sua pergunta norteadora no que diz respeito as relações do conto A Escrava com a noção de escrivência experienciado por Maria Firmina dos Reis e as diversas lutas de resistências femininas pertencentes à história do Brasil que foram apagadas da historiografia tradicional. Através da análise da obra, foi possível observar que tanto Maria Firmina, quanto suas personagens a Senhora e Joana, todas são a representação de mulheres que não foram submissas às proibições de seu tempo quanto a limitação de gênero, de cor, classe social entre outras, elas fizeram enfrentamentos e mobilizaram suas vidas em prol de algo maior, considerando suas próprias histórias, a dor de seu povo, suas perdas e as proibições a que eram submetidas, para avançar politicamente,

socialmente, de forma intelectual e também contribuindo para um mundo mais justo para todos. Todas estas mulheres foram e são Joanas e Firminas resistindo e fazendo um mundo melhor pelo sangue e pela letra.

## REFERÊNCIAS

- ADLER, Dilercy. **A mulher Maria Firmina Dos Reis: uma maranhense**. Editora Malê, 2018. Disponível em: <https://all.slz.br/wp-content/uploads/2020/10/A-MULHER-MARIA-FIRMINA-DOS-REIS-para-a-Editora-MALE%CC%82.pdf>. Acesso em: 18 Fev., 2022.
- ADLER, Dilercy. **Maria Firmina dos Reis: uma missão de amor**. São Luís - MA: Academia Ludovicense de Letras, 2017.
- BISPO, Ella F. e LOPES, Sebastião A. T. Escrivência: perspectiva feminina e afrodescendente na poética de Conceição Evaristo. **Revista Língua & Literatura**, v. 35, n. 20, p. 186-201, jan./jun, 2018. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/viewFile/2598/2436>. Acessado em: 24 Abr. 2022.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira um conceito em construção. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 31, 2008. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9430>. Acesso em 20, Jan. 2022.
- CORREA, Janaína Santos. Maria Firmina dos Reis, vida e obra: uma contribuição para histórias das mulheres e dos afrodescendentes no Brasil. **Revista Feminismo**. UFBA, Bahia, n. 1, vol3, setembro-dezembro de 2013. Disponível em: <http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/issue/view/4>. Acesso em: 11, Dez., 2021.
- CRUZ, Mariléia dos Santos; MATOS, Érica de Lima de; e SILVA, Ediane Holanda. Exma. Sra. d. Maria Firmina dos Reis, distinta literária maranhense: a notoriedade de uma professora afrodescendente no século XIX. CEMOrOc-Feusp / Univ. Autônoma de Barcelona, **Notandum**, n. 48, 2018. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand48/151-166Marileia.pdf>. Acesso em: 11 Dez., 2021.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2013.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nadyala, 2011.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. In: SCRIPTA. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.
- FILHO, Nascimento Moraes (Org.). **Maria Firmina: fragmentos de uma vida**. São Luiz: Comissão organizadora das comemorações de sesquicentenário de nascimento de Maria Firmina dos Reis, 1975. Disponível em: <https://mariafirmina.org.br/sintese-biografica-nascimento-moraes-filho-2/>. Acesso em: 12 Dez., 2021.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, Anpocs, 1988, p. 223-244.

LOBATO, Monteiro. **Histórias de tia Nastácia**. 6a. ed. Ed. Brasiliense: São Paulo, 1957.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

SILVA, Rosemere Ferreira da. Entre literatura e o existencial a "escrevivência" de Conceição Evaristo na criação de um protagonismo feminino negro no romance Ponciá Vivência. **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v. 8, n. 1, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/3674>. Acesso em: 10 Jan, 2022.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007.